Os Velhos Paradoxos e o Oceano: Reflexões sobre Acumulação e Mar em Moçambique

Carlos Nuno Castel-Branco
carlos.castelbranco@gmail.com

Seminário “Mar Nosso III – O Mar Amanhã”
Organizado pela Embaixada da França em Moçambique
15-18 de Março. 2016

Estrutura/introdução da Apresentação

- Uma maneira de pensar, uma abordagem
- O mar: uma plataforma onde interagem opções, conflitos e tensões
- A natureza das opções, tensões e conflitos – velhos e novos paradoxos e a economia política do modo de acumulação em Moçambique
- Em busca de uma narrativa lógica comum: sistema social de acumulação de capital
- Lições para uma “estratégia azul”?

O MAR: uma plataforma alargada onde interagem opções, conflitos e tensões

- Mostrando os limites do pensamento tradicional focado em “recursos”, sobretudo em recursos isoladamente uns dos outros e da sua base socioeconómica e política:
  - “Recursos” (gás, pesca, potencial energético, biodiversidade, capacidade de retenção de carbono, etc.) são determinados por dinâmicas socioeconómicas e científicas
  - Numa “plataforma alargada”, recursos entram em competição – dado o ponto anterior, de facto é uma competição entre modos e opções socioeconómicas e científicas e não entre os “recursos” em si
  - Portanto, olhar para o MAR como plataforma socioeconómica num contexto histórico específico (e não como uma fonte de “recursos”) levanta a questão dos modos de vida e opções alternativos, por vezes mutuamente exclusivos.
- Portanto, forçando a transição de um debate focado em recursos para um debate focado em ligações, agentes, problemas e desafios – onde estamos? Que problemas existem? Que questões colocamos? Quais são as prioridades? Que interesses presidem e esta análise? Estas questões são sempre contestáveis – por isso, a atenção transita para dinâmicas e conflitos socioeconómicos, locais e globais.

O MAR: uma plataforma alargada onde interagem opções, conflitos e tensões

- O enfoque em questões socioeconómicas levanta da questão da intergeracionalidade
  - O papel do MAR – como o mar afecta o futuro?
  - As opções e o MAR – como minimizar o arrependimento em relação às opções de hoje e garantir que as opções do futuro são maiores, mais amplas e mais sustentáveis?
  - Nem sempre podemos confiar na hipótese que uma tecnologica “milagrosa” há-de resolver o problema – a questão da preservação e novas opções.
- Reproducibilidade analítica para outras plataformas: o mesmo tipo de questões pode levantar-se sobre outras “plataformas” – território, comunidade, etc. No fim, estamos a falar de interacções sociais, económicas, políticas e científicas em condições históricas específicas. Olhar para o MAR ou para a COMUNIDADE, ou para o Distrito, etc., é uma maneira de deixar de olhar para o gás, o carvão ou a pesca primeiro e, em vez disso, olhar para os problemas, as ligações, os desafios, os agentes e as interacções de complemetaridade e de tensão e luta entre eles.

A natureza das opções, tensões e conflitos

- Como ocorrem as escolhas – disputas sobre o que é importante e prioritário
  - Recursos? Quais e como se definem? Problemas? Quais e como se definem?
  - Agentes e ligações, como quadro analítico em torno do qual se desnevolve o debate intelectual e real:
    - Os agentes
    - As ligações
    - O mais importante são as interacções – por um lado, definem os agentes e os seus interesses, formas de actuação e de interacção; por outro lado, identificam as pressões ou ligações (problemas e desafios),a s prioridades e os processos; a totalidade desta combinação de tensões gera as opções e possibilidades.
  - Necessidade de olhar para as dinâmicas de crise, tensão e mudança na economia nacional

A natureza das opções, tensões e conflitos

- Questões paradoxais da economia moçambicana:
  - Aceleração da taxa de crescimento da economia acompanhada pela (i) ***redução*** da eficácia da economia a diminuir a pobreza, a diversificar a base produtiva e de emprego, a substituir importações, a aumentar a produtividade no conjunto da economia, a diminuir os custos sociais de reprodução da força de trabalho (custos de vida dos trabalhadores) e a mobilizar recursos domésticos; mas, ao mesmo tempo, acompanhada pelo (ii) ***aumento*** da eficácia da economia em mobilizar capital internacional, em concentrar (firmas maiores) e centralizar (menos firmas) capital, em aumentar as expectativas do capital sobre o futuro (especulação sobre retornos), gerando uma espécie de holograma do futuro imaginário projectada para o presente, mantendo a intensidade dos inlfuxos externos de capital; (iii) meteórico crescimento da dívida pública.
  - Será que estes paradoxos são reais ou aparentes? Se houver uma explicação, são aparentes. Se houver uma explicação para todos eles em conjunto, isto é, uma única narrativa, então temos um quadro analítico lógico da economica, que culmina na descrição analítica do que podemos chamar o sistema social de acumulação de capital. Este sistema é a forma de descrever as relações dinâmcas entre agentes e ligações de uma forma sistemática e em contextos históricos específicos, que nos permite fazer perguntas de investigação – que conduzem a perguntas que afectam política económica – à economia como um todo, incluindo às facetas mais azuis dessa economia.

Em busca de uma narrativa lógica comum: sistema social de acumulação de capital

- O que é ‘acumulação de capital’? Capitalismo como um sistema cujo objectivo é acumulação de capital. ‘Capital’ tem vários significados:
  - Relações de produção intrínsecas ao sistema capitalista (formação do proletariado, sua separação da posse dos principais meios de produção, redução da sua força de trabalho a mercadoria, contradição entre o carácter social do trabalho e a apropriação privada da mais valia);
  - Expansão e modernização das forças produtivas;
  - Expansão do modo de produção capitalista (mercantilização) a novas e mais áreas, expandindo as oportunidades de lucro.
- O que é um sistema social de acumulação de capital? Um quadro teórico que analisa em conjunto as dinâmicas económicas e políticas da produção, apropriação, distribuição e utilização do excedente, permite a compreensão da relação entre essas dinâmicas e as dinâmicas da diferenciação social, e une os lados produtivo e financeiro da economia.

Em busca de uma narrativa lógica comum: sistema social de acumulação de capital

- Porque é importante pensar em termos do sistema social de acumulação de capital?
  - Em primeiro lugar, porque os fenómenos em análise ocorrem numa economia capitalista, isto é, num contexto de acumulação de capital;
  - Em segundo lugar, porque nos permite fazer sentido daquilo que parece paradoxal, contraditório e desligado ou desarticulado, usando uma única e simples narrativa que é historicamente específica e oferece uma alternativa para acção, em vez de cair na armadilha de focar a análise no que falta. Por outras palavras, permite a análise de como as foças políticas, sociais e económicas jogam e se relacionam em conjunto dentro de um contexto amplo definido por estruturas sociais de acumulação – como e porquê o que aconteceu veio a acontecer no contexto em que aconteceu.
  - Em terceiro lugar, permite mais coerentemente estabelecer ligações entre transformação das estruturas e dinâmicas de produção e de emprego, entre sectores, entre produção e distribuição, e entre produção e finanças, e entre esses conjuntos de relações e os padrões de crescimento, transformação e acumulação de capital.
  - Em resumo, oferece um narrativa única historicamente específica para várias questões sem resposta ou aparentemente contraditórias, com base na análise da lógica do eu existe, em vez de obrigar a várias narrativas diferentes inconsistentes entre si.

Em busca de uma narrativa lógica comum: sistema social de acumulação de capital

- Acumulação primitiva de capital em Moçambique, com três particularidades históricas:
  - Traços fundamentais do capitalismo criados no tempo colonial
  - Fase actual de acumulação primitiva focada na nacionalização do capitalismo (criação das classes capitalistas nacionais) e expansão das oportunidades de acumulação.
  - O capitalismo moderno tem um carácter global, monopolista e financeiro (especulativo), usando o estado intensivamente e subordinando-o ao domínio do mercado dominado pelo capital financeiro. Neste contexto global, acumulação primitiva de capital em Moçambique ocorre com tendência à formação de oligarquias financeiras nacionais.
- Análise focada, portanto, em quatro dimensões: voracidade por capital, porosidade económica, afunilamento da base produtiva e o problema laboral, bem como o efeito mais imediato deste processo, a bolha económica ou a economia especulativa.

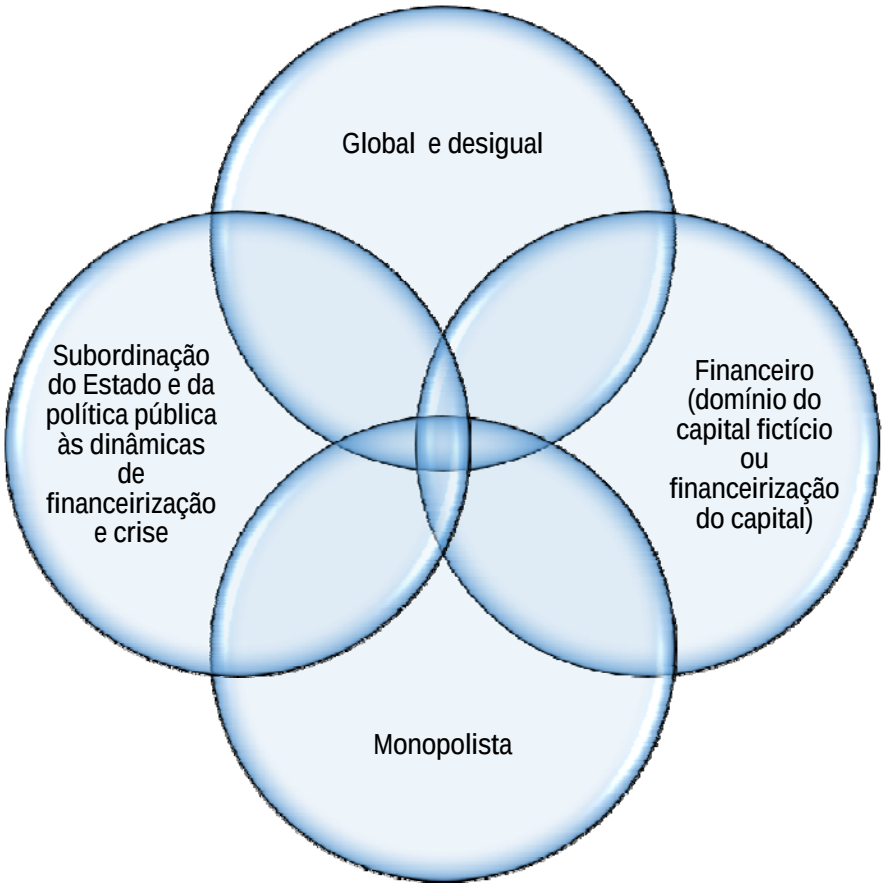
Acumulação primitiva e a voracidade por capital – modelo de acumulação e uma economia cara

O que atrai capital externo em grande escala e como é ligado com o capital doméstico?

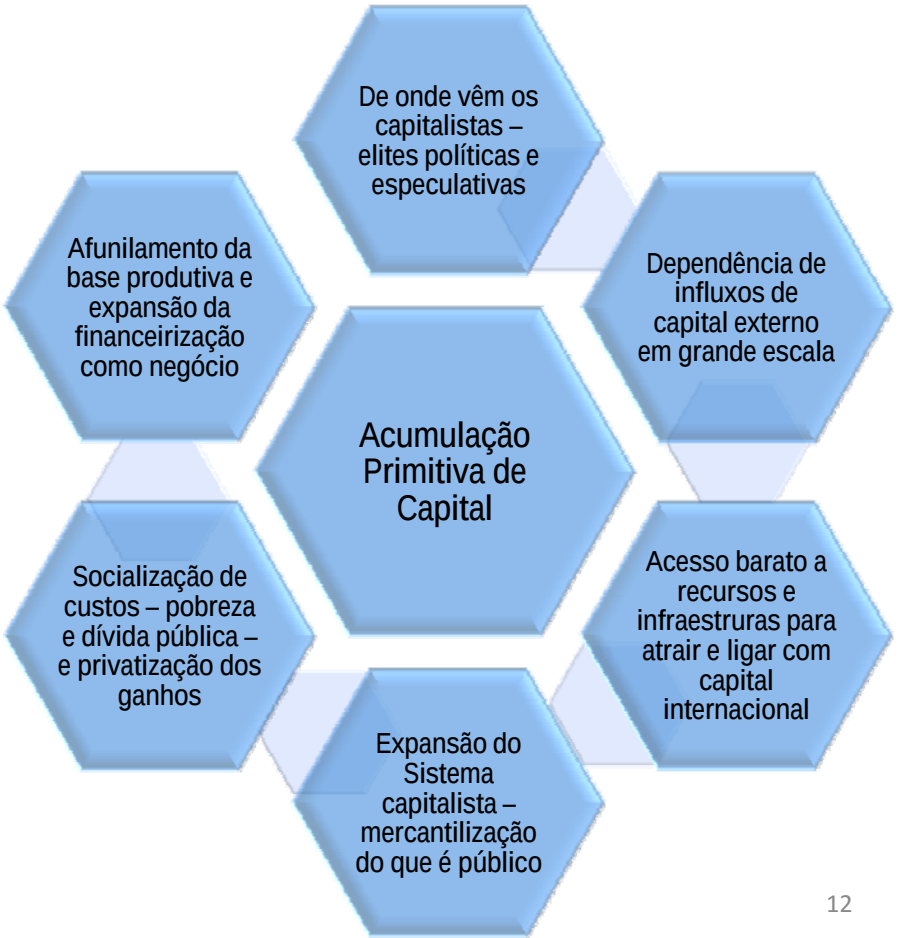
- O que atrai?
  - Recursos estratégicos – minerais e energéticos
  - Oportunidade de especular com tais recursos, convertendo-os em activos financeiros transacionáveis – mega concessões a baixo custo e liberdade de especulação (rápida recuperação do investimento por via da conversão de activos reais em financeiros, e subsequente substituição de capital real por fictício)
  - Redução de custos de investimento privado – PPPs, dívida pública ou garantida pelo Estado, baixos custos de expropriação (terra e infraestruturas), compensação plena pelo investimento (privatização plena das externalidades positivas e socialização das externalidades negativas – por exemplo, conversão de externalidades negativas em responsabilidade social com impacto fiscal negativo para o estado)
  - Redução dos custos de desinvestimento – oportunidade de revenda
- Como é ligado?
  - Porosidade económica (expropriação do Estado – dívida, expropriações a baixo custo, conversão de propriedade pública em acções privadas, concessões de infraestruturas e contratos, etc.), associada a oportunidades especulativas e diferentes formas de cumplicidade social na formação de alianças para acesso a recursos (familiares, políticas e outras).

Contexto internacional do Sistema especulativo de acumulação de capital em Moçambique

Capitalismo Contemporâneo

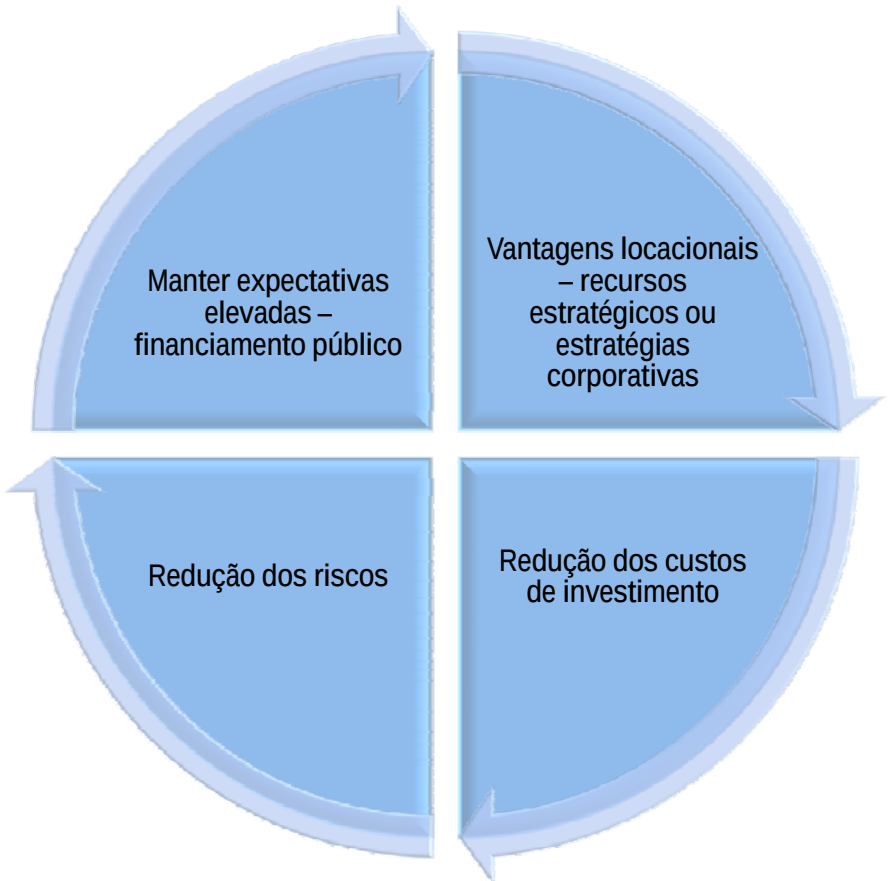


Especificidade histórica de Moçambique



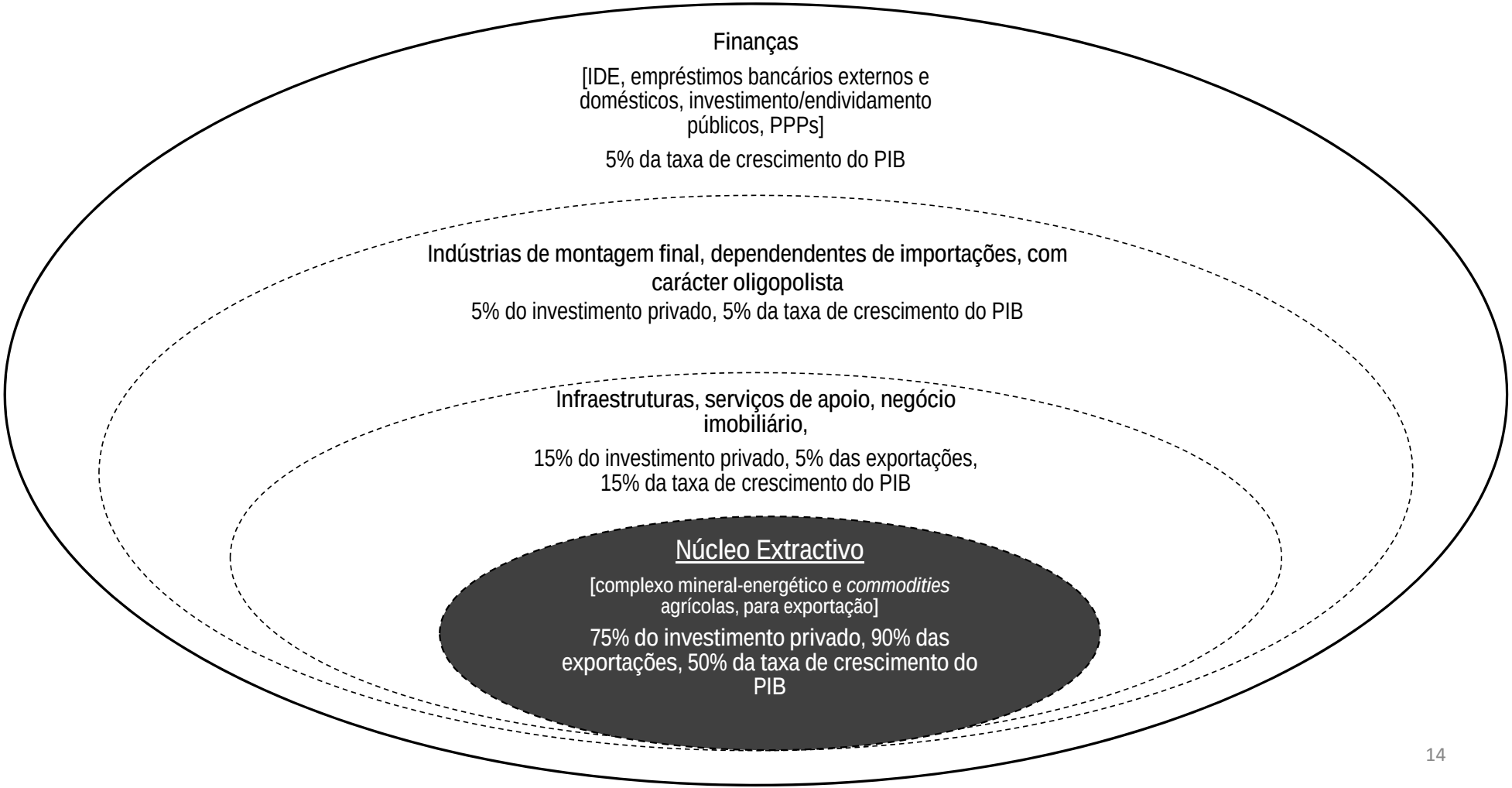
O modelo de acumulação de capital em Moçambique

Dependência de capital privado



Ligações com o capital doméstico emergente

Aplicação de capital, afunilamento e a dependência da incorporação extensiva de novos recursos



Argumento principal sobre a economia de Moçambique

- Embora a economia de Moçambique tenha expandido rapidamente e se tenha tornado numa das três mais atractivas para fluxos externos de capital privado na África Sub-Sahariana, a sua eficácia na redução da pobreza diminuiu significativamente e o endividamento público tornou-se uma das suas mais importantes dinâmicas de crescimento e de crise.

- Cerca de três quartos da taxa de crescimento do PIB e das exportações são determinados por uma dezena de grandes empresas intensivas em capital, focadas no complexo mineral-energético, e cujo capital é atraído pelas expectativas de acesso a recursos energéticos e minerais estratégicos, num contexto de competição oligopolista entre multinacionais, e de porosidade económica promovida pelo Estado para favorecer a aliança entre o capital financeiro doméstico emergente e as multinacionais.

Argumento principal sobre a economia de Moçambique

- Esta estratégia de elevada concentração e centralização de capital tem um fim fundamental (o desenvolvimento de oligarquias financeiras nacionais) e um fim funcional (atracção contínua de grande capital internacional, em aliança como qual emergem os grupos financeiros domésticos). “Recursos” são a base material para atrair grande capital; a centralização e concentração do capital e o endividamento público são factores de protecção dos interesses funamentais do capital face a riscos e custos, assim tentando garantir a estabilidade do holograma do futuro hipotético projectado no presente como uma ilusão. A bolha económica é a consequência natural; os esforço de manter alinhadas as expectativas pode fazer explodir a bolha – a actual crise da dívida, que assume contornos de armadilha (dívida que cresce por si, por existir, por causa das dinãmicas de financiamento dessa mesma dívida) já é um sinal claro da bolha a explodir.

Lições para uma “Estratégia Azul”?

- Os perigos:
  - De priorizar as prioridades dos outros sem os (não “as”) entender – será o gás o que faz correr a ideia do Mar Comum?
  - De pensar na infinidade de ideias como se representassem uma conjunto de infinidades reais de opções (as opções são finitas, podem ser mutuamente exclusivas e podem impedir outras opções no futuro)
  - Dos planos “inclusivos” sem confrontar conflitos, tensões, opções e escolhas – a falácia de satisfazer todos
- A necessidade de fazer escolhas – quais as questões a responder e como pensar no mar a partir dos paradoxos da economia moçambicana, num contexto regional e internacional?
  - Olhar para o Mar como uma plataforma socioeconómica e ambiental e não como um amontoado de recursos
  - Quais as perguntas de desnevolvimento a colocar (ou que questões/problemas/desafios enfrentar)?
  - A dimensão panafricana do nosso mar
  - A dimensão intergeracional do desenvolvimento

OBRIGADO!